

Mulheres e o debate interamericano sobre a infância nas primeiras décadas do século XX: do pioneirismo ao apagamento histórico¹

Resumo

Discutir a infância assume crescente importância na agenda política e científica das nações no início do século XX. Na América do Sul, os primeiros foros de debates sobre a infância partem, sobretudo, da *Liga para los Derechos de la Mujer y el Niño*, organização socialista-feminista argentina à frente da organização do Primeiro Congresso Americano da Criança. No entanto, a participação deste grupo será, no correr da história dos congressos da criança, diluída nos documentos e praticamente apagada da memória destes eventos. Discutir o esforço de apagamento e as estratégias de neutralização do papel da mulher frente às políticas para infância na América no período é o que pretende este artigo.

Andréa Bezerra Cordeiro
Universidade Federal do Paraná –
UFPR – Curitiba/PR – Brasil
cordeiroandrea@yahoo.com.br

Palavras-Chave: Crianças – América Latina – História; Mulheres – América Latina – História; Feminismo – Argentina.

Para citar este artigo:

CORDEIRO, Andréa Bezerra. Mulheres e o debate interamericano sobre a infância nas primeiras décadas do século XX: do pioneirismo ao apagamento histórico. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 350-378, set./dez. 2018.

DOI: 10.5965/1984723819412018350

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723819412018350>

¹ Este artigo é parte do trabalho de pesquisa de doutorado da autora, realizado sob fomento da agência CAPES. Para acesso à tese na íntegra: CORDEIRO, Andrea Bezerra. **Luz e caminho aos pequenos: os primeiros Congressos Americanos da Criança e pan-americanização dos saberes sobre a infância (1916 a 1922)**. 2015. 377 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 24/03/2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/38203>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

Women and the interamerican debate on childhood in the first decades of the Twentieth Century: from pioneering to historical oblivion

Abstract

Discussing childhood takes a growing importance in the political and scientific agenda of nations in the early twentieth century. In South America the first forums for discussions about childhood are brought about especially by the League for Women's and Children's Rights, a socialist-feminist organization from Argentina responsible for the First American Congress of the Child. However, the participation of this group will be, throughout the Congress, diluted in the documents and virtually erased from the memory of these events. Discussing the strategies to neutralize the role of woman in regards to childhood policies in America and the efforts to erase them in the period is what this article aims.

Keywords: Children – Latin America – History; Women – Latin America – History; Feminism – Argentina.

Apresentação

Sendo mais um marco da modernidade, as exposições e congressos permearão o projeto de modernização nos Estados ocidentais em expansão entre a segunda metade do século XIX e o início do Século XX. A infância, categoria volátil no desenho dos tempos que se modernizam, não passará despercebida pelo Estado e pelos interessados no progresso da sociedade, da ciência e da economia e passará também a ser problematizada e debatida, principalmente pelos vieses da medicina, da lei, da educação e da assistência em diversos eventos pelo mundo.

No continente americano, o histórico de exposições e congressos nesta passagem entre os séculos XIX e XX é também bastante extenso e conquanto a infância americana, sob diferentes aspectos, tenha sido debatida desde o fim do século XIX em congressos específicos sobre educação, saúde ou assistência, será no século XX que especialistas de diferentes e nascentes áreas se reunirão para tentar discutir a infância e a criança sob muitos prismas num mesmo encontro: os *Congresos Americanos del Niño*. A especificidade destes reside, entre outras coisas **na abordagem da infância como eixo em torno do qual se agregarão diferentes especialidades**, que discutirão a criança na perspectiva da educação, saúde, cuidado, assistência e legislação. Este diferencial imprimirá uma marca digna de nota, pois possibilitará o trânsito e a inter-relação de profissionais de diferentes áreas de atuação e diferentes países num foro internacional de discussões sobre a criança que intentará aproximar os países americanos para que se construa uma abordagem científica com uma identidade americana própria.

O primeiro destes encontros realizou-se no ano de 1916, em Buenos Aires, e contou com aproximadamente 180 inscritos de 13 diferentes países. No segundo congresso, no Uruguai, em 1922, a participação atingiu aproximadamente 1076 pessoas, de 16 países. No terceiro Congresso, no Brasil, em 1922, houve a adesão de aproximadamente 2.698 pessoas de 16 países no total (NUNES, 2012: p. 54).

A longevidade destes eventos – que até hoje se realizam – e a força que imprimiram para a ampliação das discussões acerca da infância confere aos registros neles produzidos o lugar de relevante documento histórico, por expressarem diferentes produções discursivas e construções sociais acerca da infância, bem como a relação

destas concepções com os processos históricos que estabelecerão saberes e práticas educativas, legais e de assistência social à infância nas primeiras décadas do século XX na América Latina.

A natureza do objeto de pesquisa me levou à busca de documentos sobre os congressos em arquivos no Brasil, Argentina e Uruguai e estes registros – aliados a outros materiais como catálogos, fotografias, objetos numismáticos, periódicos da época – ampliou o rol de questões e perspectivas de pesquisa apontando de maneira imperativa à necessidade de rever esses eventos também sob a perspectiva de gênero, dado que, na busca pelos antecedentes desses congressos, nos deparamos com as nuances de um movimento de disputa por visibilidade e apagamento de memória em relação à centralidade da participação das mulheres na organização e fomento da discussão dos problemas da infância americana.

Recuperar parte desta memória e refletir sobre algumas das razões do esforço de obliteração do papel das mulheres na pioneira iniciativa de reunir diferentes especialistas de toda a América em um debate intracontinental sobre a criança será meu esforço nas páginas que se seguem.

As feministas socialistas argentinas e o debate sobre a infância americana: O Primer Congreso Nacional del Niño, Argentina, 1913 e o Primeiro Congreso Americano del Niño, Argentina, 1916

La idea de estudiar en un Congreso todas las cuestiones referentes al niño, nació en la República Argentina en un primer Congreso Nacional en Tucumán durante el centenario, que sirvió de base al Primer Congreso Americano que tuvo lugar en Buenos Aires en 1916. No vamos a hacer la historia completa de este Congreso, solo diremos que por diversas circunstancias, aquel certamen, que había sido mirado con grandes simpatías no tuvo la trascendencia que mereciera, ni satisfizo las esperanzas que inspirara la idea generadora. No haríamos mención de esto, si eso no hubiera sido uno motivo desfavorable que pesó por mucho en la organización de este Congreso, como una herencia defectuosa que nos obligó a esfuerzos especiales para depurarla. Sin embargo, el principio no podía responder a móviles mas nobles y elevados; si han existido errores, frutos son ellos posiblemente la magnitud de la obra que se realiza por primera vez , de la deficiencia de

elementos en su organización, - pero queda siempre la inspiración noble y desinteresada digna de los mayores aplausos. (MORQUIO, 1919, p. 64)²

De los festejos realizados para conmemorar la primer centuria de la jura de nuestra independencia, ninguno más grande, más simbólico y más digo de la Patria que este Congreso Americano del Niño, que acabamos de realizar. Obra popular, por cuanto es el exponente de un grupo de personas que se ocupan en la elevación del nivel de vida de las mujeres, los niños, de las clases humildes, desligada de tutela gubernativa, ha podido extender su acción hasta obtener la representación de quince repúblicas americanas . (...) Si estos congreso no tuvieran otra eficacia que la de poner en contacto a personas que tienen afinidad en ideales y si ellos no sirvieran más que para hacernos conocer a determinadas personas cuyas ideas debiendo ser conocidas, permanecen, no sabemos por cuales designios, ignoradas, confesemos que de habrían llenado en esta forma perfectamente su misión. (MUZILLI, 1916, p. 64)³

As duas citações acima revelam mais do que opiniões conflitantes elaboradas por expoentes do processo de problematização da infância na América no início do Século XX. Nos discursos de Luiz Morquio (médico pediatra uruguaio, à frente da organização do Segundo Congresso Americano del Niño, realizado em 1919, em Montevideu) e de Carolina Muzilli (ativista socialista e costureira argentina, integrante do grupo feminista que organizou o *Primer Congreso Americano del Niño*, em 1916, em Buenos Aires), contrapostos aqui, insinuam-se as visões de mundo, posicionamentos políticos e relações de força, revelando-se os esforços por visibilidade e apagamento de memória – sempre presentes na história, mas por vezes nem sempre captáveis.

“Não faremos a história completa deste congreso, só diremos que aquele certame, que havia sido visto com muita simpatia não teve a transcendência que merecia nem satisfaz as esperanças que inspirou...”, diz Morquio. A opção por não fazer “a história completa” é uma maneira de criar uma versão dessa história, que busca sedimentar a ideia da boa vontade, nobreza e altruísmo femininos (aplaudindo a iniciativa de maneira consolatória e infantilizadora), mas, que escolhe revelar as insuficiências deste *Primer Congreso Americano del Niño*.

² *Segundo Congreso Americano del Niño*. Discurso de Abertura na Sessão preparatória, 1919, Tomo Primeiro, Montevideo: 1919, p. 64.

³ *El Congreso Americano del Niño*, em **Nosotros**: Revista mensual de letras, Año X Tomo XXIII, Buenos Aires, 1916. p. 64.

A expressão da opinião de Morquio e do grupo que representa (eram à frente do Segundo Congreso del Niño, prioritariamente, homens de destacado papel na sociedade em seus países) tributava as falhas do congresso à desproporção entre o imenso tamanho da missão de discutir e propor soluções aos problemas da infância americana e o modesto tamanho de quem primeiramente se propôs a isso.

Aqui, nos deparamos com a pluralidade de elementos que podem estar envolvidos nesse desejo de desqualificação: eram, à frente deste primeiro evento, mulheres, em sua maioria socialistas ou anarquistas, que em colaboração com alguns homens, estavam envolvidas com as demandas populares operárias.

Donna Guy, historiadora norte-americana que possui extensa produção nas lides dos estudos de gênero e da história da sexualidade na América Latina, ao analisar o papel das feministas argentinas no debate pan-americano sobre a proteção à criança lança a questão que eu também formulo atônita: como os homens puderam ignorar, seja simbolicamente ou em termos de participação, as mulheres nos congressos da criança? (GUY, 1998, p. 280).

Façamos então, senão a história completa (já que dessa ambição a história há tempos já dissuadiu a todos) um esforço por dar visibilidade a alguns dos aspectos opacos na história da construção destes eventos. Paraphraseando Muzilli, se este esforço não servir “para nada mais do que para nos fazer conhecer pessoas cujas ideias devendo ser conhecidas, permanecem, não sabemos por que razões, ignoradas” (MUZILLI, 1916, op cit), daremos por bem feito o empenho.

O *Primer Congreso del Niño*, encontro germinal para as discussões pan-americanas sobre a criança, recebeu a aprovação de sua realização durante o *Congreso Científico Internacional*, ocorrido em 1910, em Buenos Aires, por ocasião do centenário Revolução de Mayo⁴. Buenos Aires, à época, vivia um momento de prestígio internacional e autoconfiança nacional, motivada pelos elevados índices econômicos⁵ que via de regra são tomados como os indicadores de prosperidade de uma nação, não obstante as

⁴ Movimento social e político ocorrido no início do século XIX que visava a emancipação do vice-reinado do Prata (parte de cujo território hoje é a Argentina), da Coroa Espanhola.

⁵ Em 1910, a Argentina representava 50% de todo o PIB latino-americano. Fonte: Revista **Indicadores Econômicos** FEE, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 251.

mazelas por que passam, quem faz a roda girar, para que tais números se mantenham. Apesar desse prestígio, a tarefa de afirmar-se ante os demais países da América e Europa passava pela construção subjetiva de uma imagem de prosperidade e desenvolvimento, então, a Argentina escolhe os congressos e exposições como mote de suntuosos festejos no aniversário da revolução.

Hobsbawm e Ranger (1997), ao analisar a produção em massa de tradições nos anos pouco anteriores à Primeira Guerra irá localizar uma série extensa de “exercícios de relações públicas” que consistiriam na invenção oficial de tradições sob a forma de ritos, comemorações, monumentos, com o intuito de que “assegurassem ou expressassem identidade, coesão social” em nações que atravessavam as profundas transformações sociais do período. Entre estes “exercícios”, Hobsbawm e Ranger destacam a “feliz descoberta – ou talvez fosse melhor dizer invenção – do jubileu ou do aniversário cerimonial”, cujo protocolo completo, de exposições e inaugurações, competições desportivas e emissões de estampas comemorativas em material postal, foi cumprido neste festejo argentino em análise.

Buenos Aires recepcionou delegações internacionais em eventos que se sucederam numa agenda frenética de exposições e congressos. Tudo festa e conagraçamento, no entanto, a disputa de forças se dava por dentro dessa atmosfera cívica e aparentemente laudatória do Estado e seus feitos. Não devemos nos esquecer de que os exercícios de relações públicas estavam também, e isso atesta Hobsbawm e Ranger (1997, Capítulo 7), ao alcance de grupos opostos ao *establishment* que muitas vezes utilizam as próprias formas e símbolos criados para e pelo Estado. Certeau diz algo correlato quando destaca esta “arte do fraco” em “captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante” para então utilizar vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder (CEARTEAU, 2008, p. 101).

Assim, entre os dias 18 e 23 de maio de 1910, se realizaram o *Primer Congreso Patriótico de Señoras en América del Sur*, organizado pelo conselho Nacional de Mulheres, grupo tradicional, católico e bem relacionado como o *establishment*, e o *Primer Congreso Femenino Internacional*, convocado pela *Asociación de Universitarias Argentinas*, socialista e feminista, coordenado pelas médicas Cecilia Grierson e Julieta Lanteri e que contou com a participação de feministas argentinas como Alicia Moreau,

Elvira Rawson e Carolina Muzilli, além do apoio de aderentes internacionais como Maria Montessori, Marie Curie e Hellen Key.

A realização concomitante desses dois eventos no festivo maio argentino não foi acidental; os congressos estarão na agenda com força de contraponto e podem ser um exemplo da “astúcia” (tomada aqui no sentido dado por Certeau à ideia de tática como esta “arte do fraco” que se faz forte ao usar as conjunturas ao seu favor, resistindo sem enfrentamento direto) das mulheres em busca de espaço e em lutas de representação.

O convite do congresso feminino revela algo de sua intencionalidade na imagem de uma mulher que escreve em uma mesa de trabalho, e nos dizeres finais com a citação do refrão do Hino Nacional Argentino: “Al gran Pueblo Argentino, Salut”. A escolha pela referência ao Hino não parece apenas uma menção patriótica, mas também uma provocação, dado o teor do hino pontuado por referências à igualdade e liberdade. Nas entrelinhas do convite, a lembrança da igualdade e as saudações ao povo, dadas pela mulher que busca se afirmar não como mãe e esposa caridosa, mas como intelectual e cidadã.



Figura 1 - Tarjeta de invitación al Congreso Feminino Internacional. Buenos Aires, mayo 1910. Fonte: Arquivo digital do jornal MDZ-online, Mendoza, Argentina.

Enquanto no Congresso Patriótico eram apresentadas as contribuições femininas à pátria dentro de moldes aceitos pela economia patriarcal vigente, destacando a atuação da mulher ponderada, maternal e dedicada a obras de caridade, no Congresso Feminino se discutia a ampliação da igualdade civil e dos direitos políticos das mulheres, além de políticas públicas de proteção, saúde e educação à mulher e à criança.

Foi no seio do Congresso Feminino que se elaborou a proposta para a realização do *Congreso Nacional del Niño*, de 1913, que será presidido por Julieta Lanteri e organizado pelo grupo de feministas socialistas argentinas, que já possuíam uma pauta extensa de reivindicações quanto à saúde, educação e cuidados com a infância e a mulher.

A indicação da realização de um congresso nacional específico sobre a criança a se realizar no ano do centenário da Independência (1913) foi levada a voto pelas mãos do expoente higienista argentino, o médico Antônio Vidal:

Fue, en efecto, en Buenos Aires en 1910 y en el Congreso Científico Internacional reunido allí en el centenario de nuestra revolución libertadora, que un médico, profesor y sociólogo el Dr. Antonio Vidal, propuso e hizo sancionar, “el Congreso Americano del Niño”, cuyo fundamento radica, decía en su comunicación, “en la conveniencia de que concurren en pro del niño, es decir, de la sociedad naciente, todas las iniciativas y actividades que puedan mejorar su condición y destino, todas las conquistas alcanzadas con las disciplinas naturales y biológicas, psicológicas y sociales, todas las ciencias, todas las técnicas”. (ALFARO, 1919, p. 96)

Unidos, cooperativamente, estarão Antônio Vidal e Julieta Lanteri nesta manobra em busca de apoio à realização congresso. O nome de Vidal aparece nas fontes do *Segundo* e do *Terceiro Congreso del Niño* como o personagem que leva a ideia do congresso sobre a criança a voto em 1910. Quanto ao nome de Julieta Lanteri, Presidente do *Primer Congreso Americano del Niño* e do congresso que lhe originou, este é omitido ostensivamente das publicações dos congressos subsequentes. Seu nome como presidente do primeiro evento não é referido, creio que deliberadamente. Isso é o que deixa entrever a continuação do discurso de Alfaro:

El Dr. Vidal, que desgraciadamente no ha podido encontrarse hoy entre nosotros, obtuve la sanción que la primera reunión del Congreso Americano del Niño se realizara en Buenos Aires en 1916 y de que se

encargara de su preparación de la misma Sociedad Científica Argentina. Desgraciadamente esta vieja y meritoria institución no se dedicó a llenar a cabo tan feliz iniciativa y fue otra entidad- la Liga por los Derechos de la Mujer y el Niño – la que realizó el Primer Congreso Nacional en 1913 y el Primer Congreso Americano en 1916, el cual, por razones que no es del caso recordar tuvo la importancia y la eficiencia deseables. (ALFARO, op.cit)

As razões “que não veem ao caso recordar” não ficam claras e em nenhum registro do primeiro congresso aparece algum incidente, falha de programação ou algo significativo do ponto de vista organizacional. No entanto, é possível aventarmos algumas possibilidades explicativas que extrapolam as questões logísticas e avançam para aspectos simbólicos e para a seara das lutas de representação⁶.

Pensemos primeiramente no que pode ter significado um evento internacional que ao invés de ter sido realizado sob os auspícios da “velha e meritória” Sociedade Científica, repleta de homens advindos das melhores famílias *criollas*, vem a lume pelas mãos do grupo de Lanteri, fortemente vinculado ao Partido Socialista⁷, que compunha o cenário político argentino não sem a resistência dos membros das elites oligárquicas políticas do Plata.

A presença do Partido Socialista, num país que experimentou a força rebelde dos anarquistas em 1905, era considerada, em certa medida, pelo governo conservador progressista de Saenz Pena, um mal menor, uma válvula de escape para a classe trabalhadora e seu sentimento de representatividade (ROCK, 2013, p. 581). No entanto, os limites de sua ação eram cuidadosamente monitorados, dado o notório apreço à propriedade privada por parte das camadas mais influentes da sociedade extremamente conservadora quanto à política econômica.

⁶ “Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 1991: p. 183).

⁷ Sobre a identificação entre o socialismo e o feminismo na Argentina em princípios do século XX, diz BARRANCOS: “En las primeras décadas del século surgían por do quier asociaciones femininas identificadas com los principios socialistas, y debe decirse que no fueran pocas las veces en que feminismo fue sinónimo de socialismo. Em efecto, fue bastante comum que los términos se engarzaram de tal modo que a la perspectiva del sentido comum le resultara difícil distinguir los conceptos, especialmente en torno del Centenario” (BARRANCOS, Dora, 2010: p. 126).

Um evento como os *Congresos del Niño* oportunizava a circulação de propostas e problemas dos países envolvidos e é provável que os argentinos mais conservadores não se satisfizessem com a imagem levada pela Liga pelos Direitos da Mulher e da Criança, com seus discursos e alarmantes estatísticas sobre o trabalho e mortalidade infantil e sobre as condições de vida da classe trabalhadora argentina.

Outra hipótese quanto à reserva às referências do papel da Liga pelos Direitos da Mulher e da Criança está na possível tentativa de diluir a força de organização e realização política do movimento feminista argentino, obliterando alcance internacional ao nome de Julieta Lanteri, cuja militância impertinente pelos direitos das mulheres e crianças causava incômodo aos seus conterrâneos mais conservadores.

Aqui cabe falar de Julieta Lanteri, na perspectiva de entendê-la como sujeito histórico cujo percurso não pode ser isolado do movimento de reivindicação dos direitos da mulher e problematização da infância da América Latina⁸. Italiana de nascimento, mas residente em Buenos Aires desde criança, Lanteri teve trajetória acadêmica impecável sendo a quinta mulher a formar-se em medicina em Buenos Aires. Em 1910, reivindicou cidadania argentina para concorrer a uma cadeira como professora de pediatria na Faculdade de Medicina. Ao obter o documento da cidadania, Julieta usou a objetividade da letra para, numa estratégia interessante, reivindicar judicialmente que se cumprisse o que na carta estava expresso: ela queria ser reconhecida como cidadã em plenos direitos. A Câmara Federal, ao lhe dar ganho de causa, declarou que:

Como juez tengo el deber de declarar que su derecho a la ciudadanía está consagrado por la Constitución, y en consecuencia, que la mujer goza de los mismos derechos políticos que las leyes acuerdan a los ciudadanos varones, con las únicas restricciones que, expresamente, determinen dichas leyes, porque ningún habitante está privado de lo que ellas no prohíben. (DELEIS, DE TITO & ARGUINDEGUY; Apud, PIGNA, 2012, p. 462)

⁸ “Parece-me importante sublinhar o quanto o perigo do relativismo, que corrói o principio de responsabilidade individual, é igualmente inerente a uma leitura impessoal da história que pretende descrever a realidade pelo viés de anônimas relações de poder” (LORIGA, 2011, p. 12). Recuperar algo da particular vida de uma pessoa, insere-se na vertente da historiografia que busca salvaguardar alguma dimensão do sujeito e sua pluralidade como parte da história, na contra mão de tendências a que Loriga chamará de “desertificação do passado” que ocultam os indivíduos sob categorias impessoais, que aqui poderiam ser “as feministas”, “as socialistas argentinas”.

Esse precedente levou Lanteri à conclusão que, se o direito ao voto era concedido aos cidadãos, ela, a única mulher argentina com um papel que lhe reconhecia cidadã, teria este direito e, portando, o documento votou na eleição de 26 de novembro de 1911, fato que foi amplamente divulgado pela imprensa posto ter sido o primeiro voto feminino ocorrido na América do Sul. Três meses depois, é sancionada uma alteração no sistema eleitoral argentino, que já estava em debate, estabelecendo o voto secreto e obrigatório e acrescentando às definições um item que determinava que, para exercer o voto, o cidadão deveria ter comprovante de alistamento militar. Esta última medida é, para alguns dos pesquisadores da história das mulheres na América Latina, como Felipe Pigna (2012, p. 125) e Dora Barrancos (2010, p. 135), reativa às ações de Julieta Lanteri e suas possíveis consequências.

Conquanto não pudesse votar, lançou seu pedido de candidatura ao cargo de deputada à junta eleitoral, uma vez que na legislação o que constava com pré-requisito para candidatar-se era a designação genérica de “cidadão”. A nota apresentada por ela à Junta foi enviada também à imprensa e publicada pelo jornal *La Nación* de 18 de março de 1919:

Siendo ciudadana argentina, por nacionalización y, en virtud de sentencia de la Corte Suprema no figura mí nombre en el padrón electoral, no obstante las gestiones que he realizado con tal propósito. Creo sin embargo, que ello no constituye impedimento alguno para la obtención del cargo de diputado, y ya que la Constitución Nacional emplea la designación genérica de ciudadano sin excluir personas de mi sexo, no exigiendo nada más que condiciones de residencia, edad y honorabilidad, dentro de las cuales me encuentro, concordando con ello la ley electoral, que no cita a la mujer en ninguna de sus excepciones. (LANTERI, *La Nación*, 18 de março de 1928, p. 8)

Resignadamente, a Junta Eleitoral aceitou a candidatura e Julieta, que a esta altura já era presença constante na imprensa que, jocosamente, a chamava de “La Lanteri” (Pigna, 2012, p. 463) e lança sua candidatura dando visibilidade a uma plataforma progressista voltada aos direitos da mulher e da criança⁹. Diz Lanteri, em seu primeiro discurso de campanha:

⁹ “El programa electoral de la Dra. Lanteri se completaba con la protección al niño huérfano, igualdad civil para los hijos legítimos y los conceptuados no legítimos, divorcio absoluto, abolición de la prostitución

Mis actos son una afirmación de mi conciencia que me dice que cumplo con mi deber: una afirmación de mi independencia que satisface mi espíritu y no se somete a falsas cadenas de esclavitud moral e intelectual, y una afirmación de mi sexo, del cual estoy orgullosa y para el cual quiero luchar.

Y aquí está esta mujer que se proclama a sí misma candidata a diputado nacional, que aspira a esa banca en el parlamento y que pide a sus conciudadanos que la lleven a ella. (Lanteri, apud Di Mango, Patricia, s/d, p. 9)

Licença maternidade, auxílio estatal por filho, proteção estatal aos órfãos, sufrágio universal para ambos os sexos, igualdade salarial para homens e mulheres, igualdade de direitos civis para filhos legítimos e ilegítimos, eram alguns dos pontos pelos quais ela e as organizações políticas das quais participava (principalmente a *Liga Feminina pelos direitos da Mulher e da Criança* e o *Partido Feminista Nacional*) mobilizavam energias. Alicia Moreau, Elvira Rawson e Carolina Muzilli são outras das “feministas reformistas” cuja atuação movimentou a cena argentina nas décadas de 1910 e 1920 e que não se restringirá à fronteira do país, uma vez que a circularidade dessas propostas se dará intra e extra-continentalmente pela via das publicações, encontros, e claro, dos congressos.

Os inimigos políticos¹⁰ que Lanteri adquiriu por suas posturas radicais à época e pela capacidade que tinha de comunicar seus projetos em performances de grande visibilidade podem ter sido um elemento para que seu nome (e do grupo a que pertencia) à frente do *Primer Congreso Americano del Niño* tenha sido conscientemente desconsiderado e obscurecido nas edições seguintes dos congressos.

A mulher americana, no entanto, é invocada inúmeras vezes em discursos e comunicações do Segundo e Terceiro *Congresos Americanos del Niño*, mas é um chamado de apelo sentimental na visão da mulher em vocação inalienável e exclusiva para a

reglamentada, abolición de la venta de bebidas alcohólicas, sufragio universal para los dos sexos, jubilación y pensión para todo empleado u obrero, abolición de la pena de muerte; y representación proporcional de las minorías en el orden nacional, provincial y municipal”. Dados do Diário La prensa de 16-3-1919, p. 9, apud Di Mango, Patricia, Secretária de la Comisión de la Mujer del Colegio Público de Abogados de Buenos Aires, Disponível em:

<<http://www.agendadelasmujeres.com.ar/index2.php?id=3¬a=4770>>, acesso em 20 de setembro de 2013.

¹⁰ Lanteri foi morta em 1932, em um acidente de carro, no qual o automóvel dirigido por um membro da Legião Cívica subiu de ré na calçada e a atropelou. O caso foi considerado acidental à época, mas historiadores e biógrafos afirmam tratar-se de um atentado. Fonte: Universidade Nacional de La Plata, disponível em: <http://www.unlp.edu.ar/articulo/2012/3/7/perfil_julieta_lanteri>.

maternidade e caridade, como expressa Morquio à plenária do *Segundo Congreso Americano del Niño*:

Que las distinguidas damas que prestan a la infancia desgraciada, su mas noble y generosa protección, quieran continuar su obra de abnegación y de amor, cooperando al ideal de bien estar y de redención que guía nuestras actividades y nuestras aspiraciones. (MORQUIO, 1919, p. 76)

Ou como apela o delegado venezuelano na Sessão inaugural do Terceiro Congresso Americano da Criança:

Pensamos, oh madres que me escucháis, que vosotros sentís un deseo vehemente de colaborar en esta obra de nuestro perfeccionamiento étnico; yo sé que en vuestros hogares se habla con sorpresa cariñosa del renacimiento y del porvenir halagador que este Congreso quiere iniciar; yo seque en vuestras almas, vasos colmados de afecto y desbordándose de ternura, existe el sentimiento inmaculado de que ese porvenir esta en vosotras mismas, en vuestras entrañas sagradas que son la piedra fundamental, el granito firme en donde la Patria quiere solicitar mañana las bases de su estabilidad y de su grandeza.¹¹

A única exceção, ao que parece um acordo tácito de apagamento do papel da *Liga pelos direitos da mulher e da criança* e de Julieta Lanteri, com a qual me deparei nas fontes vem da fala do chileno Carlos Enrique Paz Soldán, na Sessão de Abertura do Terceiro Congresso Americano da Criança – 1922. Ainda que ele não mencione o nome de Lanteri, nem da Liga, é notável que chame atenção ao pioneirismo das mulheres argentinas neste campo da luta pelos direitos da infância:

Sois vosotras, y al decir vosotras me dirijo a todas las mujeres de la América, las que teneis em vuestras manos la suerte ulterior y definitiva de esto Continente de paz. Y el III Congreso Americano del Niño haria labor incalculable despertando este sentido de la actividad feminina em forma precisa y esclarecida...mas que digo? Si fueram precisamente unas cuantas damas argentinas ganadas a esta noble cruzada redentora de las cunas las que em su ansia continentalista y nacionalista dieran vida a estos certames. No creo traicionar la opinión de este III Congreso

¹¹ Terceiro Congresso Americano da Criança. Rio de Janeiro, 1924. p. 86. A autoria é de um dos delegados oficiais venezuelanos, no entanto, o discurso não está assinado, nem faz menção ao nome do autor. Foram delegados oficiais da Venezuela naquele evento os doutores Atílio Narancio, Sebastián B. Rodriguez e Pedro Figari.

Americano del Niño dejando publicamente constancia deste hecho. (PAZ SOLDAN, 1922, p. 81)

O reconhecimento do papel da mulher na criação dos congressos, ainda que raro, abre espaço para que retomemos a parceria de Vidal e Lanteri. As mulheres certamente não estavam sós na organização dos congressos de 1913 e 1916, mas foram o centro de sua realização ainda que o que conste na documentação seja o registro oficial do nome de Vidal. Esse episódio vivifica a noção de que, ao estudar a mulher e seu papel na história, importa também destituí-la da apatia da vítima ou da dramaticidade da mártir. Cabe entendê-la como sujeito de ação, que encontra, sob inegáveis obstáculos, seu modo de participar das mudanças sociais.

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, da mesma forma que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos, dos grupos de gêneros no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la. (DAVIES, 1975, p. 90)

Essas associações, acordos, resistências estratégicas são formas encontradas pelas feministas socialistas argentinas para estarem completamente imiscuídas nas discussões políticas sobre a mulher e a criança nesses primeiros fóruns na Argentina, e reforçam a minha hipótese de que o tema da infância possui força de vórtice, capaz de aglutinar diferentes vertentes políticas em torno de objetivos comuns, mobilizando grupos que disputam, mas que também cedem espaço pela viabilização política das reivindicações, estrategicamente.

Para ampliar a discussão sobre as táticas de contra-poder e afirmação política, trago um pequeno achado, que jazia perdido entre moedas e medalhas numa loja de numismática em Rosário, Argentina: a medalha comemorativa produzida para marcar a realização do *Primer Congreso Nacional del Niño*:



Figura 2 - Anverso e reverso do medalhão comemorativo do Primeiro Congresso del Niño, Argentina, 1913. Fonte: loja de numismática em rosário. Acervo pessoal.

A prática de emitir moedas e medalhas comemorativas não é uma invenção moderna e esse costume passará a ser recorrente como recurso de visibilização e ritualização de eventos e datas dentro da lógica de produção em massa de tradições (HOBSBAWM, 1997, p. 289). O medalhão comemorativo criado para o Congreso Nacional del Niño de 1913 indica que esse evento não teve importância pequena na agenda cívica, política e social daquele momento histórico. As medalhas de eventos dessa natureza são em sua maioria cunhadas pelas Casas da Moeda dos países que sediam os congressos, recebendo o cuidado destinado às moedas e selos comemorativos e a leitura dos elementos desta fonte suscita mais do que a ratificação, básica, do lugar ocupado pelo congresso.

No anverso da medalha há a imagem, numa estética *art-nouveau*, de uma mulher clássica em vestes diáfanas; ela olha para um menino e o conduz pela mão esquerda em uma subida íngreme e pedregosa. Sobre a imagem, a inscrição "Lucem Puero Viamque Date"- "Dê luz e caminho aos pequenos". No reverso, as informações "Primer Congreso Nacional Del Niño - Liga para los Derechos de La Mujer y El Niño - 12 Octubre 1913 - República Argentina".

Não é complexa a metáfora da mulher conduzindo a criança em sua trajetória inicial pela vida, que poderia ser especialmente difícil para as crianças órfãs ou filhas de trabalhadores naquele início de século XX. A mulher no papel de protetora maternal, de tutora carinhosa é representação amplamente espaiada, quase como se a maternidade e a boa condução das crianças fossem essência da “natureza do feminino”. Nos textos dos *Congresos Americanos de Niño* essa ideia aparecerá em inúmeros discursos. No entanto, como veremos mais à frente, a ideia de uma mulher conduzindo, ainda que simbolicamente, uma ação fora de sua casa é em grande medida revolucionária e provocadora.

A medalha se completa com a frase em latim que abre possibilidades de inclusão de mais elementos: “Dar luz e caminho aos pequenos” pode não se restringir ao auxílio às crianças, mas abranger o auxílio e proteção à mulher e seus direitos e incluir – considerando a matriz política socialista da Liga para los Derechos de La Mujer y el Niño, fortemente engajada às questões dos trabalhadores – entre estes pequenos a grande massa da população empobrecida. Nas palavras de Muzilli, proferidas em palestra no congresso: “se extrema la explotación del pobre, el martirio de la mujer y la primera fuerza del niño”(MUZILLI,1913). Pobres, mulheres e crianças equiparados pela desqualificação social e exclusão de direitos, apequenados pelas poucas possibilidades de igualdade política e de bem-estar social. Os conteúdos das palestras nesse primeiro congresso nacional são em grande parte vinculados às demandas das mulheres e crianças trabalhadoras submetidas a uma crescente pauperização e a condições de trabalho insalubres, além de palestras sobre a assistência à mãe, a criança abandonada, a valorização do salário dos professores, a laicização da escola, o analfabetismo.

Os discursos proferidos foram em sua maior parte publicados no órgão de comunicação do Partido Socialista, o jornal *La Vanguardia*, de significativa circulação no país. Nesses discursos, a crítica é clara ao capitalismo crescente, à exploração do trabalho “dos pequenos” e à conivência do Estado com esse esquema que, em parte, trazia o progresso econômico e o prestígio desfrutado internacionalmente pela Argentina no período. Diz Carolina Muzilli, em sua conferência *El menor obrero*:

El adelanto de la técnica y el fácil manejo de las máquinas que requieren un menor empleo de fuerza muscular, hacen que las mujeres y los niños vayan desalojando a los hombres de las fábricas y talleres (...) lejos de beneficiar moralmente este estado de cosas a la sociedad la proclama profundamente inmoral. (...) Inmoral es, en una palabra la riqueza adquirida sacrificando lo que constituye el porvenir de una nación. (MUZZILI, 1916, p. 2)

Convivendo com esse e outros discursos e com os debates de socialistas e anarquistas pontuados por denúncias ao sistema excludente, à falta de amparo legal às mulheres e crianças, estarão discursos mais moderados de autoridades, intercalados por inaugurações de exposições, visitas a Bibliotecas Infantis, encenações teatrais de escolares, num protocolo clássico de um grande congresso nessa época. As fotografias publicadas na edição de 18 de outubro da Revista Caras y Caretas¹², diferentemente do jornal La Vanguardia, divulgarão o encontro como um evento social elegante, com seus festejos, homenagens, passeios.



El doctor de la Plaza, con el ministro Ibarguren y comitiva, acompañando a la presidenta del Congreso, doctora Lanteri, en momentos de ir a inaugurar la exposición anexa.

El vicepresidente de la república y el ministro de instrucción, visitando la instalación hecha por la Biblioteca Infantil de la parroquia de Belgrano.



Figura 3 - Cenas da agenda cultural e comemorativa do Congresso Nacional del Niño, 1913, Argentina. Fonte: Revista Caras y Caretas, nº 785, 18 de outubro de 1913, p. 48. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España.

¹² Semanário Caras y Caretas, nº 785, 18 de outubro de 1913, p. 48.

Na primeira foto, Julieta Lanteri está acompanhada pela comitiva do ministro Iburguren na inauguração de uma exposição. Na segunda foto, o Vice-Presidente da República e o Ministro da Instrução visitam uma instalação da Biblioteca Infantil de Belgrano. Na primeira foto da segunda linha, autoridades assistem à apresentação de um grupo escoteiro. Na última foto, autoridades apreciam a exposição preparada por participantes de Rosário.

Este amálgama de vitrine e protesto, de convivência de vertentes políticas díspares, de disputas de gênero e posicionamento político e concessões em torno da criança, estará impresso em muitos aspectos dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*.

O encontro de Tucumã marca um começo para o debate que se tornará internacional, especializado e multidisciplinar sobre as questões da infância na América. A estrutura desse encontro será base dos encontros futuros e a própria imagem escolhida para representar esse Congresso Nacional será replicada como símbolo também do *Primer Congreso Americano del Niño*:



Figura 4 - Anverso e reverso do medalhão comemorativo do Primeiro Congresso Americano del Niño, Argentina, 1916. Fonte: Numismática Kandahar. Quilmes, Argentina.

A medalha, feita em bronze, reproduz a imagem e a frase em latim da medalha de 1913: “Dê luz e caminho aos pequenos”, mas seu reverso não traz mais a menção à *Liga para los Derechos de La Mujer y del Niño*, exibindo nome, data e local do evento.

A análise dessas duas medalhas argentinas me levou à busca de medalhas similares marcando o congresso de 1919, em Montevideú, e o congresso de 1922, no Rio de Janeiro. As medalhas manterão os traços gerais da produzida em 1913, trazendo imagens femininas e referências clássicas, mas as mudanças são sensíveis.



Figura 5 - Anverso e reverso do medalhão comemorativo do *Segundo Congreso Americano del Niño*, Montevideú, 1919. Fonte: *Medallas Uruguay*. Montevideú, Uruguai.

A medalha cunhada em bronze para o *Segundo Congreso Americano del Niño* foi criada pelo escultor Luiz Cantu, um artista conhecido e premiado no Uruguai do início do século XX. Essa medalha também traz em seu anverso a imagem feminina, porém se comparada à das medalhas argentinas analisadas, perceberemos que a postura dessa mulher é outra: ela não está em pé, conduzindo uma criança numa paisagem externa, está sentada, num lugar que não traz referência alguma ao mundo externo (seria uma casa?) cercada por duas crianças que se apoiam em suas pernas – o que também a mantém sentada – enquanto uma terceira está em seu colo e lhe puxa a parte superior do

vestido para baixo, como se pedisse para ser amamentada. A mulher é uma mãe que olha o bebê que lhe exige o peito, ela certamente deu “a luz”, mas não necessariamente deu “caminho aos pequenos” como a guia das imagens das medalhas argentinas.

É importante considerar que, neste segundo congresso, a centralidade do chamado à amamentação e ao papel materno está presente em quase todos os trabalhos do evento, principalmente nas sessões de *Medicina* e de *Higiene e Assistência*; isso justificaria que a imagem cunhada no medalhão seja a dessa nutriz, dessa mãe receptiva e terna.

No entanto, indo um pouco mais fundo nas camadas simbólicas dessa medalha, podemos pensar no quão importante é a substituição da imagem de uma mulher em pé, num ambiente externo, em movimento e à frente, mostrando o caminho, por outra sentada, num lugar fechado, cercada por crianças e com seu olhar e atenção voltado ao bebê em seu colo. Estabeleço um paralelo entre o tensionamento dessas duas imagens e as Alegorias da República analisadas por José Murilo de Carvalho, em seu livro “A formação das Almas” (1990), em especial pensando na similitude entre a imagem de Cantu, usada na medalha do congresso em Montevideú, e a imagem “A República”, de Honoré Daumier, na qual também há uma mulher sentada, três crianças e a amamentação.



Figura 6 – A República, de Honoré Daumier. Óleo sobre tela. Fonte: <<http://pt.wahooart.com/a55a04/w.nsf/opra/brue-7z4qwy>>. Acesso: 12 de agosto de 2013.

Segundo José Murilo de Carvalho (1990, p. 76), a imagem pintada por Daumier vem a lume no momento em que se proclama a “Segunda República” na França e representa uma nova visada sobre o uso da figura feminina como alegoria da República: uma república “maternal, protetora, segura e sólida”. Essa nova representação denota a cisão que se aprofundará entre uma república burguesa que busca se fortalecer e uma república socialista representada pela mais marcante imagem simbólica da Revolução Francesa: a de “Marianne”, a mulher que aparece como figura central no quadro de Eugène Delacroix, intitulado "A Liberdade Guiando o Povo" (1830). Marianne, com sua atitude de liderança e seus seios nus no cenário de caos e destruição está “dando o caminho”.



Figura 7 - "A liberdade guia o povo", Eugène Delacroix (1830). Óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/a_liberdade_guiando_o_povo>. Acesso: 13 de agosto de 2013.

Suavizar Marianne, revestindo-a de sentimentos maternos, destituindo-a de qualquer traço de agressividade foi um caminho tomado para essa distinção sobre as ideias de república burguesa ou socialista.

Já se distinguem uma República burguesa e uma República socialista. Embora mantendo a figura feminina a distinção começa a se fazer seja pela maneira de representar a mulher (sentada, em pé, maternal ou combativa, cabelos penteados ou revoltos, seios cobertos ou nus), seja pelos atributos a rodeiam. (CARVALHO, 1990, p. 78)

Creio que o embate simbólico, a luta de representação subjacente à escolha das imagens do primeiro e segundo congresso é também uma expressão da cisão entre um foro de debates que se constituiu socialista e uma nova direção, mais moderada e burguesa, para as edições seguintes dos *congresos del niño*. Marca também a luta pelo apagamento do papel de liderança da mulher frente aos congressos e às políticas de proteção à infância e à mulher na América, refletindo o empenho por obscurecer as ações

das feministas socialistas argentinas e por “recolocar” a mulher em seu apregoado papel de mãe suave e delicada.

A mudança de cenário entre as medalhas também é plena de significados, uma vez que a “recolocação” da mulher em um ambiente interno nos remete à pertinente discussão da presença-ausência da mulher nos espaços públicos:

O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual, desde a Grécia antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. “Uma mulher em público sempre está deslocada”, diz Pitágoras. Prende-se à percepção da mulher uma ideia de desordem. (...) Para os homens o público, o político, para as mulheres, o privado e seu coração, a casa. (PERROT, 1998: p. 8)

Esta cisão de espaços de atuação e a carga simbólica que agrega irá se acentuar se analisarmos as medalhas relativas ao Terceiro Congresso Americano da Criança (Rio de Janeiro, 1922). Esse congresso, realizado em paralelo com o *Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância*, com ele dividiu grande parte dos trâmites administrativos; ambos tiveram suas medalhas “cunhada graciosamente na Casa da Moeda” (MONCORVO FILHO, 1921-1922), por determinação do Ministro da Fazenda brasileiro, Homero Batista.



Figura 8 - Do Terceiro Congresso Americano da Criança. Rio de Janeiro, 1922. Fonte: Anverso do medalhão comemorativo. Riopostal - antiguidades e colecionismo. Rio de Janeiro, Brasil.

Nesta medalha, observamos uma mudança significativa: ao centro e à frente, a criança. Por trás dela, a mulher, quase uma sombra, um espectro em relevo menos aparente, agora vestida e penteada como uma dama recatada do início do século que com olhos baixos vela pela infância de maneira discreta e espiritual. A criança ergue os braços num gesto ambíguo: parece pedir colo, mas as mãos cerradas insinua, uma comemoração de triunfo. A ambiguidade desta infância que é vitória e fragilidade aparecerá na frase em latim: *Per pueros ad humanita em*, “Pela criança, para a humanidade”, ou seja, façamos agora pela criança e ela garantirá o porvir.

A mulher aqui representada aprofunda as transformações em curso desde a iconografia do segundo congresso e assume a face da mulher que se desmaterializa, que perde até mesmo seu corpo, que é só espírito e coração. Agora o que se insinua é a mulher no papel volátil de protetora espiritual, piedosa e mística, papel este, segundo Jean Lebrun, muito difundido desde o século XIX e que corroborou para o reforço da investida por restringir a atuação da mulher às esferas menos públicas e políticas da cidade:

O papel espiritual das mulheres exercia-se através da piedade e da mística: assim Teresa de Lisieux preconiza o “caminho pequeno”¹³, o caminho da infância que se pretendia acessível a todos, daí a popularidade desta santa. Deve-se também contar com o espiritismo, muito difundido no sec. XIX, e cujas médiuns eram mulheres. Assim se esboçava uma divisão, cheia de perigos, entre a cidade terrestre, gerida pelos homens e a cidade espiritual, nas mãos das mulheres. Este era um argumento suplementar para lhes interditar a primeira. (LEBRUN IN PERROT, 1998: p. 111)

A incursão por essas imagens e símbolos nos oferece múltiplas possibilidades de pensar as disputas, as resistências e as mutações em torno da luta feminina por representatividade política e por sua participação nos debates acerca da proteção e educação da infância latino-americana no século XX. Da mulher que dava o caminho, progressivamente as representações seguirão para a mulher que acolhe, nutre e educa

¹³ “... sou muito pequena para escalar a íngreme escada da perfeição. [...] Teus braços, então, Ó Jesus, são o elevador que deverão elevar-me até o céu. Para chegar lá, não preciso crescer; ao contrário, preciso permanecer pequena, preciso me tornar ainda menos” (Santa Teresinha, 2012, p. 122).

no lar e que é, neste último encontro, pulverizada simbolicamente enquanto ser de carne, passando a ser espiritualizado em essência.

Os expedientes simbólicos com sua eficiência discreta buscarão matizar os lugares e papéis historicamente atribuídos à mulher. O desejo de controle sobre um foro de debates em crescente prestígio mundial, visto que ocupar-se e preocupar-se com infância passará a ser índice de civilidade nos países de todo mundo, se imiscuirá com o desejo de relegar à mulher a coadjuvância nesta empreitada. A medalha do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância difundida no encontro que ocorreu concomitante ao Congresso Americano da criança, de 1922, reitera de maneira especialmente explícita este empenho:



Figura 9 – Anverso do medalhão comemorativo do Primeiro Congresso de Proteção à Infância. Rio de Janeiro, 1922. Fonte: Militaria artigos militares e colecionismo. Rio de Janeiro, Brasil.

Não há mais uma guia real, tampouco uma nutriz, não há uma mulher humana enfim; nesta representação, a mulher assumirá o papel muito difundido no imaginário ocidental desde tempos vitorianos; ela é um anjo, cobrindo com seu manto de virtudes,

as crianças. O Anjo do Lar que tantas tradições feministas se esforçarão por matar¹⁴. Será apenas no VIII Congreso Panamericano del Niño, em 1942, nos EUA, que reaparecerão com força mais coesa as propostas feministas pela infância, mas há uma lacuna na história destes eventos a ser preenchida pelo reconhecimento do esforço de organização primordial das socialistas argentinas.

Referências

ALFARO, Gregório. **Segundo Congreso Americano del Niño**. Discurso de Apresentação da Comitativa Argentina na Sessão preparatória, Montevideú, 1919.

BARRANCOS, Dora. **Mujeres en la sociedad Argentina: una historia de cinco siglos**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados - USP, v. 5, n. 11, 1991.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CORDEIRO, Andrea Bezerra. **Luz e caminho aos pequenos: os primeiros Congressos Americanos da Criança e pan-americanização dos saberes sobre a infância (1916 a 1922)**. 2015. 377 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 24/03/2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/38203>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

¹⁴ “A mulher, ao obter o direito de participar mais ativamente da vida política de seu país, exigindo o direito de exercer o voto, estaria subvertendo a ordem natural e universal dos sexos, ao intrometer-se no mundo público masculino, desorganizando a vida doméstica e maculando a imagem de *anjo do lar*” (KARAWJCZYK, 2007, p. 11). Para aprofundar a compreensão sobre a força desta representação e seu apelo sobre a atuação social da mulher ver também o interessante artigo “Profissões para mulheres” no qual Virginia Woolf narra a luta interna travada ao se tornar escritora, intento realizado apenas após a morte simbólica deste anjo do lar e de tudo que ele sussurrava sobre o que deveria ser e como deveria agir uma mulher (WOOLF, 2012, p. 11-14).

DAVIES, Natalie Zemon. Women's History in transition: the European case, 3, **Feminist Studies**, 1975.

DI MANGO, Patricia. **Julieta Lanteri**, Pionera del sufragio femenino en Argentina. Secretária de la Comisión de la Mujer del Colegio Público de Abogados de Buenos Aires, Disponível em: <<http://www.agendadelasmujeres.com.ar/index2.php?id=3¬a=4770>>, acesso em 20 de setembro de 2013.

GUY, Donna J. **Women build the welfare state**: performing charity and creating rights in Argentina, 1880-1955. Durham: Duke University Press, 2009.

GUY, Donna J. The Pan American Congresses, 1916 to 1942: pan americanism, child reform and the welfare State in Latin America. **Journal of Family History**, v. 23, n. 3, p. 272-291, 1998.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KARAWEJCZYK, Mônica. Mulheres, modernidade e sufrágio: uma aproximação possível. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, Ano IV, nº 4, 2007.

LANTERI, Julieta. **La Nacion**, 18 de março de 1928, p. 8.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X**: da biografia à história. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

MORQUIO, Luiz. **Segundo Congreso Americano del Niño**. Discurso de Abertura na Sessão preparatória, 1919, Tomo Primeiro, Montevideo, 1919.

MUZILLI, Carolina. El Congreso Americano del Niño, en **Nosotros**: Revista mensual de letras, Año X Tomo XXIII, Buenos Aires, 1916.

MUZILLI, Carolina. Primer Congreso Americano del Niño, en **La Vanguardia**, 13 de julio de 1916.

MUZILLI, Carolina. El menor obrero. Congreso Nacional Del Niño, Tucumã, Argentina, 1913.

NUNES, Eduardo Silveira Netto. **A infância como portadora do futuro**: América Latina, 1916-1948. 2011. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26102011-005044/>>. Acesso 2014-07-12.

MONCORVO FILHO, Carlos Arthur. **Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância**, 6º Boletim, 1921-1922, Rio de Janeiro.

PAZ SOLDÁN, Carlos Enrique. **Terceiro Congresso Americano da Criança**. Tomo 1. Rio de Janeiro, 1922.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

PIGNA, Felipe. **Mujeres tenían que ser**. 9ª Ed. Buenos Aires: Planeta, 2012.

REVISTA CARAS Y CARETAS, nº 785, 18 DE OUTUBRO DE 1913.

ROCK, David, A Argentina de 1914 a 1930. In: BETHEL, Leslie (Org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013, p. 543-608.

SANTA Teresinha de Liseux. **História de uma alma**. 2012. Disponível em: http://www.4shared.com/document/_7DO4J-/Histria_de_uma_Alma_somente_os.html. Acesso em: 11 de julho de 2014.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre, L&PM, 2012.

Recebido em: 09/05/2018

Aprovado em: 10/07/2018

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 19 - Número 41 - Ano 2018

revistalinhas@gmail.com